

Não se deixe enganar, Sr. Professor Doutor!

Para os meus colegas que atingiram o máximo na hierarquia docente

Vivemos e trabalhamos como pássaros sem descanso, não como andorinhas, mas sim como gaivotas, que sabem de forma instintiva como fugir à tempestade, apesar de nunca o conseguirem. Tal e qual como acontece com os académicos, na vida civil. É suficiente mostrar um papel que diga "Professor Doutor" por extenso, para que ou o IVA ou os preços aumentem de imediato.

Como referia uma médica, ao sugerir uma operação: "como o Senhor Professor Doutor é Catedrático, de certeza deve ganhar imenso dinheiro. Como é muito ansioso, é melhor operar já pelo privado, porque no Hospital Público deve esperar muitas semanas, ou meses" .

Não consegui guardar uma gargalhada e dizer palavras corteses, mas mal intencionadas, até ao ponto da Senhora Médica ter que se defender. Tal qual fazem os Advogados, os Arquitectos, os Teólogos, os Gestores, os Analistas e outras profissões denominadas liberais, que também incluem os Pedreiros, os Carpinteiros, os Electricistas, e outros que brincam com o ideal que se tem da vida académica. Ideal pelo qual todos entramos para transferir conhecimentos de outros e as nossas próprias descobertas, à geração seguinte. Não foi em vão que os socialistas Émile Durkheim e Marcel Mauss, em 1903, ajudaram, Vladimir Lenin, a organizar um Parlamento, A Duma, da qual fizeram parte, como adeptos Mencheviques: esses que pensavam que a Monarquia do Czar seria substituída por uma República eleita pelo povo, do povo e para o povo, como tenho referido em outros textos deste nosso Jornal, e Mauss teve que se dedicar a outras causas, perante a sua Pátria ameaçada pelo fascismo. Aí não havia gargalhadas, havia perigo verdadeiro.

Como perigo verdadeiro existe entre profissionais liberais ao não acreditarem que nós académicos somos apenas funcionários públicos, o mesmo é dizer, na dependência dos ideais do partido governante para o nosso trabalho, muitas horas, muitos estudantes, muitos graus académicos a conquistar, tudo bem detalhado em folhas especiais, devidamente preenchidas, para justificar o nosso trabalho e a nossa presença na sala de aulas, de manhã à noite, com férias e fins de semanas a serem usadas a ler trabalhos dos outros, os nossos discentes, a disputar um mês de licença usado para escrever, ou simplesmente, a trabalhar o menos possível nas aulas, com cumplicidades secretariais e usar a caneta, as bibliotecas, ou a observação de seres humanos, como fazem Antropólogos e Sociólogos, para assim adiantar na dura tarefa quotidiana, que, acredite ou não o leitor, tanto prazer nos dá. O Professor Doutor não é suficiente. A sua obra é necessária para ser respeitado por colegas, discentes e população em geral. Ainda, hoje, para aumentar as receitas pecuniárias das novas Instituições Autónomas ou denominadas Universidades e Politécnicos, o trabalho de aula, de preparar, de escrever eventualmente ? na Grã Bretanha, onde tenho ensinado anos a fio, nada se fala se não é um texto escrito, que a seguir, pode passar a ser um livro. Hábito guardado por mim até aos dias de hoje, quer nas Aulas, Seminários, Mestrados e Doutoramentos, e imitado pelos meus seguidores e antigos colaboradores, que assim vão escrevendo. Normalmente, a reuniões sem fim, para preparar as mentes de docentes e discentes, Comissões Científicas, Comissões Executivas, Conselhos Pedagógicos, e outra utopias que enganam ao saber se não ficamos a noite inteira, ou parte dela, para estudar sem fim, a produção dos colegas. Para acabar com esta ideia, é preciso acrescentar que o Doutoramento, que referi mais acima, já não é suficiente: há a Agregação, que está a ser substituída por um Post ? Doutoramento, com Orientador, seja Post ? Doutor ou não. Do que trata uma instituição que ensina, é da acumulação, como Marx referia nos seus textos de 1846, 1848, 1857 a 1878, da denominada mais valia, de ganhar dinheiro. De acumulação com mais valia, como denomino no meu próximo livro.

Sim, é lindo ser tratado por "Senhor Professor Doutor" ou "Senhor Doutor". Mas, o que adianta? Saibam as crianças e os seus pais que vivemos num mundo neo ? liberal, dentro do qual Adam Smith tem sido ressuscitado e acrescido por John Maynard Keynes e Milton Friedman. A criança precisa entender a vida e, para entender a vida, de um docente que investigue com ela nas ruas, na biblioteca, em Seminários, com poucos discentes para acompanhar o docente e uma curta mas profunda bibliografia, para debater entre eles e aprofundar ideias. Tudo, por meio tostão?.e cartões de crédito.

A médica não queria acreditar e disse: "graças a Deus não fiz como o meu pai que era Catedrático de Medicina". Evidentemente que um trabalho desse tipo, é quase uma consulta. O nosso, pelo contrário, pesado como a nossa doença, é a caridade popular do povo, para o povo e com o povo.